

O Casto.

Gonçalo Bagshaw

“Isso, querido. Para um casto não te safaste nada mal, filho” – afirmou Odete com voz de constipada. A Odete assoou o nariz a um cadáver de papel preenchido por rabiscos de poemas. O adolescente ficou passado da cabeça: “Pare lá, por favor. Essas quadras são bonitas sem ranhoca” – disse-o com a garganta presa, voz nasalada e com os olhos brilhantes.

O Guilherme, com oito anos, era langoroso, a fazer lembrar os botões permissivos que padeciam perante as puxadas dos assaltantes. Não era fraco de cabeça, mas de carne. “Oh, paneleiro! Com mais uma perna eras um garfo!” – Exclamou o Miguel, aos gritos, numa escola básica de Ponte da Barca. Um dia o petiz passou-se. Pegou numa *Naginata* e, respirando fundo catorze vezes, arremessou-a contra as costas do gordo Miguel, que estava a brincar à apanhada com a Margarida Rita - da turma F. Uma *Naginata* que, mesmo tendo a capa a proteger o plástico cortante das costas do gigante Miguel, gretou-se. No natal há tios e tias que entregam diplomaticamente material bélico, aos seus sobrinhos, cuja função é servir de penso rápido, que estanca o derramar causado por uma longa jornada de ausência sentimental. Aparições impactantes são sempre uma solução profícua.

Num dia nublado, o cromo borbulhento de cabelo cor de fogo foi glorificado pelos colegas de turma: “O Gui é o maior e o Miguel cheira a suor!” – Isto repetido cerca de duzentas vezes. A festança durou pouco tempo. Passados dois dias, a avó materna do Guilherme foi chamada à escola, para falar com o professor Emílio Roseiro: antigo

funcionário da Casa da Criança, uma organização que viria a ser fechada a vinte e três de setembro de dois mil e dois.

No Motel Pimba, a empregada do mês, Odete Cabrita, folheou todos os papelitos de alusão a partidos políticos de tonalidade rubra. O escarlate era a cor de eleição das putas mais caras de Oliveira do Hospital. Hoje talvez ainda seja. Todavia, naquela noite não foi diferente. Claro, não era Guilherme Valério, o miúdo de dezoito anos, que iria mudar a rotina da meretriz cinquentona mais conhecida do distrito de Coimbra. Dentro do quarto do Pimba havia cheiro a bafio, havia pouca luz, havia frio, havia dor de garganta, havia flacidez fálica, havia um pacote de bolachas “Maria” moles, havia uma cerveja gelada no congelador, havia um Diário da Região, havia uma peúga molhada recheada de terra em cima do candeeiro à direita de Guilherme, havia um par de calças de ganga em cima da cama, havia uma camisa branca sobre a única porta do quarto, havia um rato chamado Artur, havia panfletos de propaganda de escolas de condução na mesa mesmo ao lado esquerdo de Guilherme, havia uma luz amarelada em frente ao jovem, atrás da porta semiaberta.

Odete chegou e, com entusiasmo, preparou-se para uma atividade análoga à que tinha sido praticada trinta minutos antes. Claro que ela percebeu que o rapaz tinha dinheiro fresco dentro da sua carteira do *Batman* e que, por não saber o que fazer à herança deixada pelo pai, tinha decidido embriagar-se de podridão. Não deu. Perdeu dinheiro. Não valeram de nada aqueles três minutos. Saiu do quarto e, apressado, até escorregou na escada molhada. Deu um encontrão ao antigo professor Emílio Roseiro: “Olha quem é ele...” – pensou intrigado e pávido. O Emílio fingiu que não viu. Da mesma forma que simulou em dois mil e dois que nunca tinha praticado a sodomia.

O diretor executivo da empresa *Rotterdam Airlines*, Guilherme Valério, comprou, dia dez de janeiro, vinte e quatro lotes de ações na empresa *Sugar Coffee*. Na cara do Dr. Guilherme há rugas na testa, há uma ruga ao nível do maxilar, há um duplo queixo, há papos debaixo dos olhos, há pele acinzentada, há dentes amarelados, há lábios escuros, há calvície, talvez ainda haja barba cerrada bem aparada de cor ruiva. Por barba bem aparada entenda-se penugem facial somente onde Guilherme quer que haja. Normalmente não sobra um resquício de penugem fora da zona delimitada pelo economista.

Um bebê prodigioso que não se limitava a aprender passivamente. O Gui escrevia o nome completo aos 4 anos: Guilherme Manuel Tagarela Valério. Aos quatro anos e oito meses já sabia escrever: Oirélav Aleragat Leunam Emrehliug. “Isto vale o que vale. Mas nem com seis anos escrevia o meu nome completo, o puto já escreve de frente, de trás, de lado e de cima. Vais dizer que não é prodigioso, o meu menino” – elogiava o papá. O Alberto Valério era um poeta, daqueles que só fazia poesia da boa, aquela que depois de ser lida nos deixa cinco minutos a fitar uma parede branca ou um caixote do lixo numa escola básica de Ponte da Barca. O filho de Alberto foi educado no seio de uma família de poetas, de pessoas com mais jeito para palavras do que para números e pastas. O rapaz só desligava do seu mundo virtual para ouvir aquilo que o professor Emílio Roseiro dizia sobre a regra de três simples. No bolso largo do Gui, havia umas sandes de paio, um boneco miniatura do *Batman*, umas cuecas suplentes e, é claro, um poema do pai. O gaiato nunca gostou de partilhar com ninguém a forma como o pai morreu. Talvez hoje já não lhe faça tanta confusão. É certo que deixou de vir cá a casa há dois anos, um mês e quatro dias. É visível que sei muito sobre o Guilherme: das precoces evoluções na infância, da *Naginata* nas costas do menino Miguel, da sua primeira vez com a Dona Odete, do inevitável sucesso no mundo empresarial,

enfim...Não sei como lhe posso ajudar, senhor agente. Decerto chegarei a uma explicação para ele ter feito aquilo que fez. Não estou a ser advogada do diabo, mas tudo tem uma razão de ser. Agora ainda fica espantado quando lhe digo que há muito dentinho de leite que procura os meus serviços? São os mais solitários.

Eu acompanho-o à porta. Leve este poema! Pode ser que ajude. Eu acho que não ajudará muito, não é dele. Isso aí à volta parece ranho seco.